

OS CONTOS DE CHARLES PERRAULT NO BRASIL: O CASO DE *BARBA AZUL* NAS TRADUÇÕES DE HILDEGARD FEIST E DE MARIA CIMOLINO E GRAZIA PARODI

Anna Olga Prudente de Oliveira (PUC-Rio)¹

Resumo: Neste trabalho apresento um breve recorte de minha tese de Doutorado intitulada *Histórias do tempo antigo com moralidades*: uma análise diacrônica e sincrônica das reescritas da obra de Charles Perrault no Brasil. Comento duas edições brasileiras que servem para ilustrar perspectivas e concepções de tradução distintas visando ao público infantil, tendo como resultado diferenças marcantes nos textos apresentados: a tradução de Hildegard Feist, *O Barba Azul*, publicada pela Companhia das Letrinhas em 2009, e a tradução de Maria Cimolino e Grazia Parodi, *Barbazul*, publicada pela Rideel em 1993.

Palavras-chave: *Contos* de Perrault; *Barba Azul*; tradução de LIJ no Brasil.

Introdução

Neste trabalho apresento um breve recorte de minha tese de Doutorado intitulada *Histórias do tempo antigo com moralidades*: uma análise diacrônica e sincrônica das reescritas da obra de Charles Perrault no Brasil. Tendo como principal pilar teórico os Estudos Descritivos da Tradução e adotando a metodologia de Lambert & Van Gorp (2011), o corpus analisado na tese é composto por reescritas (e seus paratextos) publicadas em livro, desde o momento inicial em que os contos do autor francês surgem no sistema literário brasileiro, ao final do século XIX, até a contemporaneidade, com a mais recente reescrita publicada em 2016. A partir das noções de André Lefevere (1992) acerca de *reescrita* e *patronagem*, considera-se que reescritas exercem papel central para o estabelecimento e a manutenção de cânones literários e projetam imagens novas ou distintas de obras e autores, de acordo com concepções ideológicas e poetológicas dos responsáveis pelas publicações.

Publicada na França, em 1697, a obra *Histórias do tempo antigo com moralidades* ou *Contos de Mamãe Gansa*, alçada posteriormente à categoria de clássico da literatura infantojuvenil, contém oito contos em prosa, seguidos de *moralidades* em verso ao final de cada narrativa: *A Bela Adormecida no bosque*, *O Chapeuzinho Vermelho*, *Barba Azul*, *O Mestre Gato ou o Gato de Botas*, *As Fadas*, *A Gata Borracheira ou A Sapatilha de Vidro*, *Riquete do Topete* e *O Pequeno Polegar*². Nesses contos, ao mesmo tempo em que recupera histórias populares da oralidade, Perrault insere sua marca autoral, a

¹ Doutora em Estudos da Linguagem (PUC-Rio). Contato: annaolga@terra.com.br

² Títulos dos contos de acordo com a tradução de Mário Laranjeira (Perrault, Charles. *Contos e fábulas: Charles Perrault*. Tradução e posfácio: Mário Laranjeira. Ilustrações: Fê. São Paulo: Iluminura, 2007.

moralidade em verso, comentário final do autor sobre a história contada em prosa. Considerando que as moralidades possuem uma dupla função – autoral e literária – a pesquisa desenvolvida na tese se volta para o estudo da transmissão dos contos no Brasil com foco nesse duplo aspecto: a questão da autoria e a questão da literariedade, com o objetivo de compreender as diferentes formas como os contos do autor francês do século XVII têm sido reescritos no sistema literário brasileiro.

Neste trabalho, comento duas edições que servem para ilustrar perspectivas e concepções de tradução distintas visando ao público infantil, tendo como resultado diferenças marcantes nos textos apresentados: a tradução de Hildegard Feist, *O Barba Azul*, publicada pela Companhia das Letrinhas em 2009, e a tradução de Maria Cimolino e Grazia Parodi, *Barbazul*, publicada pela Rideel em 1993. As duas edições contêm muitas ilustrações e atividades para as crianças, entretanto embora ambas sejam apresentadas como *tradução*, podemos observar inúmeras diferenças textuais, notadamente a manutenção da moralidade em verso na reescrita mais recente e sua exclusão na reescrita mais antiga. As edições distinguem-se também pelo modo de apresentação do autor, Charles Perrault, como será visto. Antes de comentar as traduções, vejamos o enredo e alguns elementos centrais do conto de Perrault.

La Barbe Bleue: a quebra do tabu

Conto que obteve enorme sucesso à época da publicação do livro de Perrault, *Barba Azul* é uma história dramática adaptada da tradição oral: um homem muito rico que tinha a barba azul pede em casamento uma das filhas de sua vizinha, deixando que a mãe escolhesse qualquer uma das duas filhas. As jovens ficam apavoradas com a ideia, devido ao aspecto terrível de Barba Azul e também por ele já ter sido casado com outras mulheres, das quais não se sabia o paradeiro. Entretanto, após uma estadia na casa de campo de Barba Azul, com direito a passeios e boas distrações, a filha mais nova acaba achando que ele era um homem bom e que sua barba não era tão azul assim (Perrault, 2013, p. 149). Os dois se casam, mas, depois de um mês, ele avisa à esposa que precisa fazer uma viagem ao interior, deixando com ela as chaves de cômodos da casa e de cofres, onde guardava toda sua riqueza. Barba Azul diz à esposa para se divertir com as amigas durante sua ausência e que, na casa, ela poderia abrir tudo o que quisesse, só não poderia usar uma pequena chave que abriria o gabinete ao final da galeria dos aposentos. Assim que o esposo parte, as amigas da mulher chegam à casa para conhecer

todas as riquezas de Barba Azul. A mulher, que não resiste à enorme curiosidade, acaba desobedecendo-o e abre a porta do gabinete, descobrindo os corpos de várias mulheres mortas degoladas (mulheres com quem Barba Azul havia casado anteriormente). Em choque, a mulher fecha o gabinete, mas a chave fica suja de sangue e, por ser encantada, não é possível limpá-la. Barba Azul volta na mesma noite e descobre a desobediência da mulher. Ameaçada de morte, ela pede que o marido lhe conceda algum tempo para rezar, e, enquanto isso, pede à irmã que suba à torre para ver se seus irmãos estão chegando. Eles conseguem chegar a tempo e a salvam, matando o terrível esposo. A viúva herda toda a riqueza de Barba Azul, ajuda os irmãos e se casa com um bom homem.

Como aponta Soriano, Perrault elaborou o seu *Barba Azul* fazendo algumas adaptações bastante significativas, a partir das versões populares existentes à época. O autor insere na narrativa o elemento cristão e retira elementos mágicos ou ritualísticos. Vejamos três alterações mais relevantes. Perrault transforma a questão do interdito, do tabu, representado pelo quarto proibido, em uma questão de curiosidade. Assim, Barba Azul casa-se com a mulher para testar sua curiosidade. E ela deverá ser punida por não resistir à tentação. A chegada dos irmãos no momento exato para salvá-la ocorre pelo acaso; a mulher apenas diz à irmã que os irmãos viriam visitá-la naquele dia. Em versões populares, a heroína avisava os irmãos por intermédio de um animal mensageiro, um cãozinho levando um bilhete ou, ainda, um pássaro falante (Soriano, 2012, p. 164). Assim, o único elemento mágico que permanece é a chave encantada. E, por fim, um elemento fundamental inserido na adaptação feita por Perrault é o momento em que a mulher pede ao marido para rezar antes de ser morta, tentando ganhar tempo até a chegada dos irmãos. Em outras versões, nesse momento ocorria uma espécie de ritual, no qual o marido mandava a mulher vestir seu vestido de noiva ou os seus mais belos vestidos para ser morta. Ela, então, em seu quarto, vai vestindo e se despindo, enumerando os vestidos, sempre dizendo que falta vestir ainda mais um, gerando uma progressão da emoção dramática (p. 165).

Nas duas moralidades do conto, Perrault expressa a escolha de seu enredo e o seu olhar sobre a história, abordando a questão da curiosidade, que será sempre punida, na primeira moralidade, e, em seguida, na segunda moralidade, o seu entendimento de que se trata de um conto antigo porque já não há mais maridos assim tão terríveis; eles não

somente não exigem mais o impossível mas também, ainda que ciumentos, são submissos a suas mulheres (Perrault, 2013, p. 154).

No ensaio “‘Barba Azul’ ou o segredo do conto”, Michel Tournier, em tradução de Leonardo Fróes, considera que Perrault, com sua moralidade bastante clara (“a curiosidade é um defeito horroroso!”), faz uma brincadeira, como se tivesse escrito uma fábula cuja moral é cristalina. Entretanto, Perrault “acentua a própria natureza do conto: translúcida, mas não transparente” (Perrault, 2015, Apêndice, p. 8), uma vez que, diferentemente da transparência expressa na moral de uma fábula ou da verossimilhança desejada em uma novela, no conto o leitor convive com figuras, como Barba Azul, as quais jamais irá apreender totalmente. O leitor, ao entrar no jogo proposto pelo autor, passa a aceitar sem objeção o comportamento de tal personagem. Lidando com um mecanismo arquetípico, Perrault constrói uma figura que inspira medo e repulsa, mas também seduz. De Barba Azul pode-se esperar tudo, sem que se saiba exatamente o quê; como o próprio adverte “pour ce petit cabinet, je vous défends d’y entrer, et je vous le défends de telle sorte, que s’il vous arrive de l’ouvrir, il n’y a rien que vous ne deviez attendre de ma colère” (Perrault, 2013, p. 150). Na tradução de Fróes, lemos: “nesse pequeno gabinete, eu a proíbo de entrar, e a proíbo de tal modo que, caso aconteça de abri-lo, você nem imagina o que serei capaz de fazer de tanta raiva” (Perrault, 2015, *O Barba Azul*, p. 3). Nesse sentido, a imagem proposta por Leonardo Fróes, traduzindo Tournier, nos fornece uma chave para a compreensão do conto:

Arquétipos afogados na espessura de uma fabulação pueril, grandes mitos travestidos e despedaçados que nem por isso emprestam menos de sua poderosa magia a uma historieta popular, tal é sem dúvida o segredo do conto, quer ele seja oriental, feérico ou fantástico [...] (Perrault, 2015, Apêndice, p. 8).

Com essa chave podemos ler o *Barba Azul* de Perrault e também seus outros contos em que encontramos arquétipos ou mitos retrabalhados em forma de narrativas populares.

Maria Cimolino e Grazia Parodi

Publicado pela Rideel, em 1993, *Barbazul* integra a *Coleção conta pra mim*, que apresenta também outros títulos de Perrault, tais como *O Gato de Botas*, *O pequeno polegar* e *Zé Chumaço*, todos apresentados como *tradução* de Maria Cimolino e Grazia Parodi. As edições são ilustradas e contêm paratextos didáticos. No livro *Barbazul*, as

ilustrações são de Manoel Victor de Azevedo Filho, e há paratextos intitulados “Para completar e aprender” e “Roteiro de Leitura”, nos quais as histórias dos contos são utilizadas nos exercícios didáticos propostos. Não há informações sobre as tradutoras nem sobre o trabalho ou a proposta de tradução.

Nos quatro livros mencionados acima, temos os mesmos temas e enredos das histórias de Perrault, entretanto observa-se a ausência das moralidades em verso ao final da história contada em prosa, e podemos também notar algumas alterações, especialmente na construção dos diálogos e em situações vividas pelos personagens, explicando ou justificando as mesmas e aproximando a narrativa do público alvo. Em *O Gato de Botas*, por exemplo, a figura do moleiro, que ao falecer deixa como herança um moinho, um asno e um gato, é substituída por um “lavrador” que “trabalhara muito a vida toda e ganhara sempre o suficiente para o sustento da família” e que deixou aos filhos “um sítio, um burrinho e um gato” (Perrault, 1993b, p.1³) O caçula que herda o gato não pensa em fazer uma proteção para as mãos contra o frio com a pele do animal, como vemos no texto fonte, mas, sim, diz que, após “jantar o gato”, talvez possa “fazer um tamborim” com o couro (p.2). Vemos, desde esse início, uma ambientação da história em uma realidade mais próxima ao público alvo, uma vez que o Brasil é um país de clima tropical e que não tem tradicionalmente moinhos, como os vistos em regiões europeias.

Já em *Barbazul*, não há aclimações como as encontradas em *O Gato de Botas*, mas também vemos alterações de caráter explicativo, justificando as ações dos personagens, como no momento em que a esposa de Barbazul, chamada Eugênia na reescrita, pede perdão, “[j]urando entre lágrimas que não cederia nunca mais à curiosidade” (Perrault, 1993, p.12). Nesse ponto justifica-se o motivo da desobediência da mulher (a curiosidade), aspecto que será tratado por Perrault na moralidade em verso, suprimida na reescrita. Também é enfatizado que o terrível esposo não mudaria de opinião, levando a cabo seu intento, ao lermos que “Barbazul estava inflexível! Não mudava de opinião” (p.12). Ele ainda diz: “Desobedeceu, então terá que morrer, assim como já morreram as outras mulheres que eu tive que também quiseram descobrir o

³ As páginas dos livros não são numeradas. Desse modo, apresento uma numeração que corresponde às páginas dos trechos citados.

segredo do quartinho do fim do corredor. *É uma pena, já que você é a mais linda de todas! Mas foi curiosa e teimosa*” (p.12).

Essa consideração grifada no trecho citado não se encontra no texto fonte. Nas falas dos personagens, vemos tais acréscimos e também, por vezes, alterações na estrutura do diálogo elaborado por Perrault, como é o caso da conversa entre a mulher de Barbazul e sua irmã, quando a primeira pede em desespero que a segunda veja se os irmãos estão chegando. Em Perrault, temos a repetição do pedido por quatro vezes de modo muito semelhante, com a irmã do alto da torre respondendo o que via ao longo da estrada, criando a expectativa ou o suspense acerca da chegada dos irmãos. Na reescrita, esse trecho é reduzido, e a personagem pergunta apenas duas vezes pelos irmãos, o que quebra a estrutura da narrativa criada por Perrault. Ao final do conto temos mais um acréscimo, explicando como a esposa conseguiu se recuperar: “Depois os dois irmãos dedicaram sua atenção a irmã abalada pelo forte susto, levaram-na para casa da mãe, onde com o carinho da família, conseguiu se recuperar” (Perrault, 1993, p.14). No conto de Perrault, não há essa passagem referente ao apoio familiar recebido pela jovem.

Apresentadas como *tradução*, as reescritas de Maria Cimolino e Grazia Parodi não se prendem à linguagem utilizada por Perrault tanto em termos de estrutura, com a alteração dos diálogos, como em termos de vocabulário.

Hildegard Feist

O Barba-Azul em *tradução* de Hildegard Feist é publicado pela Companhia das Letrinhas (2009) em um livro para crianças contendo apenas esse conto, com destaque para as ilustrações de Zaü. e, ainda, com textos curtos ao final do livro abordando o conto, o autor e a moral. A história é apresentada em versão integral com as moralidades em verso. A tradução de Feist traz ao público infantil uma nova perspectiva ou possibilidade de leitura da história de Perrault, uma vez que não altera o enredo, não realiza cortes em partes do texto e tampouco suprime as moralidades. A tradutora mantém a estrutura textual do conto, sem alterar significativamente as construções frasais da narrativa, trabalhando os aspectos literários do texto, o ritmo e o estilo da escrita de Perrault.

Trago aqui apenas um exemplo para que possamos observar esses aspectos da tradução: o momento em que a esposa de Barba Azul pede desesperada à irmã que veja do alto da torre se os irmãos estão chegando pela estrada. Em Perrault, há uma

sequência de quatro repetições das indagações feitas, estabelecendo um crescendo no suspense e na expectativa sobre o que vai acontecer. Na tradução de Feist, temos a mesma estrutura, com apenas um pequeno detalhe de diferença: no conto em francês a pergunta é sempre feita sendo usado duas vezes o nome da irmã (“*Anne, ma soeur Anne, ne vois-tu rien venir?*”), enquanto na tradução somente na primeira vez isso ocorre. E ainda as quatro indagações idênticas são grafadas em itálico no texto fonte, bem como as duas primeiras respostas idênticas dadas por Anne (“*Je ne vois rien que le Soleil qui poudroie, et l’herbe qui verdoie*”). A seguir, o trecho em sua totalidade, na tradução de Hildegard Feist:

— *Ana, minha irmã Ana, está vendo alguém?*

E Ana respondia:

— Estou vendo apenas o sol que reluz e a relva que verdeja.

Enquanto isso, o Barba-Azul gritava para a mulher, empunhando um punhal.

— Desça logo, ou eu vou subir.

— Só mais um instante, por favor — ela implorava e, em seguida, perguntava baixinho: — *Ana, minha irmã, está vendo alguém?*

E a irmã respondia:

— Estou vendo apenas o sol que reluz e a relva que verdeja.

— Desça logo ou eu vou subir — berrava o Barba-Azul.

— Estou indo — a esposa dizia, e logo perguntava: — *Ana, minha irmã, está vendo alguém?*

— Estou vendo uma nuvem de poeira daquele lado lá — Ana por fim respondeu.

— São eles?

— Não. Que pena! É um rebanho de carneiros.

— Você não vai descer? — o Barba-Azul rugiu.

— Só mais um instante — a esposa falou, e mais uma vez perguntou:

— *Ana, minha irmã, está vendo alguém?*

— Estou vendo dois cavaleiros daquele lado lá, mas ainda estão muito longe... Deus seja louvado! — a irmã exclamou, um minuto depois. — São os nossos irmãos.

(Perrault, 2009, p.19-21, grifos meus)

A tradução de Feist é um exemplo de como o enredo, a estrutura e o ritmo da narrativa do autor podem ser reescritos em obras voltadas ao público infantil, sem que sejam realizados acréscimos explicativos ou cortes em partes do texto. Sua reescrita está inserida em livro próprio ao manuseio por parte de crianças, com ilustrações ocupando grande parte das páginas, e, entretanto, podemos ler um conto literário, tal como propôs Perrault, uma junção de “história de antigamente” com um olhar do autor sobre

determinadas situações ou realidades, ainda que estas sejam mostradas em contos de fadas.

Considerações finais

As duas edições comentadas aqui exemplificam uma mudança de perspectiva e de proposta de tradução de literatura infantojuvenil. Enquanto a tradução de Maria Cimolino e Grazia Parodi realiza alterações significativas no texto, notadamente a exclusão das moralidades em verso, a edição da Companhia das Letrinhas com a tradução de Hildegard Feist se adequa às concepções ideológicas e poetológicas vigentes contemporaneamente, propondo uma tradução integral do texto fonte, sem cortes ou modificações significativas, e ainda a valorização do nome do autor, Charles Perrault. Na edição da Companhia das Letrinhas (2009), os paratextos após os contos trazem para as crianças leituras sobre o autor e a obra; em formato de textos curtos, entremeados por ilustrações, há informações sobre o autor, as origens dos contos e a época de Perrault, dentre outras. Os paratextos inseridos na edição da Rideel (1993) não abordam o autor, mas utilizam a história contada para elaborar exercícios didáticos; há atividades propostas às crianças no âmbito do ensino de gramática e de compreensão de texto, sem qualquer referência à autoria ou a questões literárias (contos de fadas etc.).

A análise dessas duas traduções e de seus paratextos exemplifica a mudança ocorrida no sistema literário brasileiro em relação à transmissão dos contos de Perrault. Conforme analisado em minha tese (Oliveira, 2018), enquanto ao longo do século XX, no Brasil, as moralidades eram usualmente suprimidas, contemporaneamente esses poemas versificados passaram a ser traduzidos. Além disso, os tradutores passaram a realizar traduções integrais do texto. A questão da autoria dos contos também passou a ser enfatizada nas edições. As reescritas mais recentes dos contos de Perrault, com diferenças relevantes em termos literários em relação às reescritas mais antigas, projetam novas imagens da obra e do autor, possibilitando novas leituras por parte do público leitor contemporâneo.

Referências

LAMBERT, José & VAN GORP, Hendrik. “Sobre a descrição de traduções”. Tradução: Marie-Hélène Torres & Lincoln Fernandes. In: GUERINI, Andréia; TORRES, Marie

Hélène Catherine; COSTA, Walter (Org.). *Literatura e Tradução: Textos selecionados de José Lambert*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011. p. 197-212.

LEFEVERE, André. *Translation, Rewriting, and the Manipulation of Literary Fame*. London: Routledge, 1992.

OLIVEIRA, Anna Olga Prudente de. *Histórias do tempo antigo com moralidades: uma análise diacrônica e sincrônica das reescritas da obra de Charles Perrault no Brasil*. 2018. 268f. Tese Doutorado em Letras/Estudos da Linguagem.) – Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2018.

PERRAULT, Charles. *Contos da mamãe gansa ou histórias do tempo antigo*. Tradução: Leonardo Fróes. Posfácio: Michel Tournier. Ilustrações: Milimbo. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

_____. *Contes*. Édition critique Jean-Pierre Collinet. Folio classique. Paris, Gallimard, 2013.

_____. *O Barba-Azul*. Tradução: Hildegard Feist. Ilustrações: Zaü. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2009.

_____. *Barbazul*. Tradução: Maria Cimolino, Grazia Parodi. Ilustrações: Manoel Victor de Azevedo Filho. São Paulo: Rideel, 1993.

_____. *O Gato de Botas*. Tradução: Maria Cimolino, Grazia Parodi. Ilustrações: Manoel Victor de Azevedo Filho, Mario Couto Pita. São Paulo: Rideel, 1993b.

SORIANO, Marc. *Les Contes de Perrault: Culture savante et traditions populaires*. Paris : Gallimard, 2012 (1968).